

György Lukács

lenin

um estudo sobre a unidade
de seu pensamento

tradução
Rubens Enderle

apresentação e notas
Miguel Vedda

Sobre *Lenin*

Carlos Nelson Coutinho

O fascínio de Lukács pela ação e pela personalidade de Lenin, tão claramente expresso neste pequeno livro de 1924 – escrito logo após a morte do líder revolucionário –, acompanhou-o até o fim de sua longa vida. Lenin foi sempre o exemplo recorrente que o mestre húngaro usava para definir não só como um ator político revolucionário deve articular teoria e práxis, mas também como deve construir uma personalidade capaz de superar o ascetismo sem perder de vista a fidelidade aos princípios. Esse fascínio continuaria presente, como podemos ver, no importante posfácio que Lukács escreveria em 1967 para a reedição alemã do seu livro e que é aqui reproduzido.

Essa fidelidade aos ensinamentos e à prática de Lenin, contudo, não impede o Lukács tardio de avaliar criticamente o seu velho livro, escrito num momento em que se vivia na atmosfera da “atualidade da revolução” (título do primeiro capítulo de *Lenin*), ou seja, na expectativa de uma iminente extensão ao Ocidente do processo revolucionário vitorioso na Rússia em 1917. Em função dessa atmosfera, que Lukács partilhava com a maioria do movimento comunista de então, não me parece casual que seu pequeno livro não leve na devida conta as cautelas que Lenin, no fim de sua vida, assumiu diante dessa “atualidade da revolução”: é conhecida a sua afirmação de que, se na Rússia fora fácil tomar o poder e seria difícil construir o socialismo, nos países mais desenvolvidos ocorreria o inverso, com o que o líder revolucionário revelava a sua percepção (ainda embrionária) de que era necessário elaborar uma nova estratégia revolucionária para o Ocidente.

O fato de que temos em mão um livro “datado”, como o próprio Lukács o admite em 1967, não significa de modo algum que ele tenha perdido a sua importância. Por um lado, trata-se de um texto em plena sintonia com *História e consciência de classe*, publicado em 1923, e que ajuda assim a caracterizar a primeira fase do Lukács marxista. Por outro, constitui uma significativa contribuição para o resgate de um importante momento na história do movimento comunista, precisamente aquele em que, na esteira da Revolução de Outubro, se vivia a expectativa da “atualidade da revolução”.

Mas a importância biográfica e histórica não esgota o significado de *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. Nele são apresentadas, com clareza e competência, algumas das principais conquistas teóricas do líder bolchevique, como a teoria do partido revolucionário, a definição da etapa imperialista do capitalismo e a importância por ele atribuída à necessidade de “fazer política”, que se expressa no que Lukács chamou de “*realpolitik* revolucionária”. Este pequeno livro nos dá assim mais uma ocasião para confirmar a enorme significação *teórica* de Lenin para o marxismo, o que nem sempre é hoje devidamente reconhecido.

Copyright desta tradução © Boitempo Editorial, 2012
Traduzido do original alemão *Lenin – Studie über den Zusammenhang seiner Gedanken* (Neuwied, Hermann Luchterhand, 1967; 1. ed., Viena, Arbeiterbuchhandlung, 1924)

Coordenação editorial Ivana Jinkings
Editora-adjunta Bibiana Leme
Tradução e índice onomástico Rubens Enderle
Preparação Mariana Echalar
Revisão Mônica Santos
Capa Raquel Matsushita
Diagramação Livia Campos
Produção Ana Lotufo Valverde

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L98l

Lukács, György, 1885-1971

Lenin : um estudo sobre a unidade de seu pensamento / György Lukács ; tradução Rubens Enderle ; apresentação e notas Miguel Vedda. - São Paulo : Boitempo, 2012.

Tradução de: Lenin : Studie über den Zusammenhang seiner Gedanken
ISBN 978-85-7559-193-2 / e-ISBN 978-85-7559-305-9

1. Lenin, Vladimir Ilitch, 1870-1924. 2. Comunismo. 3. Socialismo. 4. Revoluções. 5. Ciência política. I. Título.

11-8424.

CDD: 335.422
CDU: 330.85

14.12.11 26.12.11

032205

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: fevereiro de 2012

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br

Sumário

Apresentação – <i>Miguel Vedda</i>	7
Prefácio.....	27
1. A atualidade da revolução.....	29
2. O proletariado como classe dirigente	35
3. O partido dirigente do proletariado.....	45
4. O imperialismo: guerra mundial e guerra civil.....	59
5. O Estado como arma.....	77
6. <i>Realpolitik</i> revolucionária	87
Posfácio	103
Índice onomástico	115
Obras do autor publicadas no Brasil.....	123

NOTA DA EDIÇÃO ELETRÔNICA

Para aprimorar a experiência da leitura digital, optamos por extrair desta versão eletrônica as páginas em branco que intercalavam os capítulos, índices etc. na versão impressa do livro. Por esse motivo, é possível que o leitor perceba saltos na numeração das páginas. O conteúdo original do livro se mantém integralmente reproduzido.

NOTA DA EDITORA

György Lukács publicou este trabalho sem indicar de maneira sistemática suas referências bibliográficas e “não se pautando pela exatidão cronológica”, conforme explica em seu prefácio à página 27. Para esta edição, optamos por inserir algumas informações úteis ao leitor brasileiro de nossa época. As notas com essas informações estão identificadas como “(N. E.)” quando de autoria do professor de Literatura Alemã da Universidade de Buenos Aires (UBA) Miguel Vedda e como “(N. T.)” quando de autoria do tradutor Rubens Enderle.

Apresentação*

Miguel Vedda

O opúsculo *Lenin – um estudo sobre a unidade de seu pensamento* (1924) é um dos produtos mais significativos da obra do jovem Lukács. Vinculado, conforme veremos, aos escritos anteriores do autor, constitui um ponto de transição importante para sua filosofia madura, cujas primeiras formulações nítidas se encontram em artigos como “A nova edição das cartas de Lassalle” (1925) ou “Moses Hess e o problema da dialética idealista” (1926), nos quais o filósofo se ocupa em acertar contas com o utopismo dominante em sua teoria e práxis precedentes. Nesses dois artigos, assume contornos precisos algo que vemos agudamente insinuado em *Lenin*: uma mudança profunda e produtiva na atitude de Lukács com relação à realidade material, além de com relação à vida cotidiana dos homens, e, antes de tudo, das classes sociais “humilhadas e ofendidas” (Dostoiévski) pelo capitalismo. Essa importante reviravolta antecipa de longe a obra tardia de Lukács, e uma de suas características centrais é a importância que atribui à vida cotidiana. Considerada não como uma categoria de análise, mas como – nas palavras do autor – um *factum brutum*, a cotidianidade é, por sua vez, ponto de partida e chegada de toda análise e práxis efetivas. No prólogo de *A peculiaridade do estético* (1963) essa significação vinculada ao cotidiano se destaca em termos bastante gráficos:

* Tradução de Maria Orlanda Pinassi. (N. E.)

O comportamento cotidiano do homem é ao mesmo tempo começo e fim de toda atividade humana. Se representamos a cotidianidade como um grande rio, pode-se dizer que dele se desprendem [...] a ciência e a arte, [as quais] se diferenciam, se constituem de acordo com suas finalidades específicas, alcançam sua forma pura nessa especificidade [...] para, portanto, a consequência de seus efeitos, de sua influência na vida dos homens, desembocar de novo na vida cotidiana.¹

Não nos encontramos aqui tão somente diante de uma perspectiva de ordem científica e filosófica, mas também de um ponto de vista que está arraigado em convicções éticas e políticas; sobretudo na expectativa, aberta no contexto do pós-stalinismo, de uma recuperação da democracia dos conselhos (*Rätedemokratie*) e da autogestão (*Selbstverwaltung*) das massas. Segundo afirma Lukács em uma reportagem de 1970, “democracia dos conselhos” significa “democracia na vida cotidiana. A autogestão democrática deve estender-se aos níveis mais simples da vida cotidiana, e dali estender-se para cima, de modo que, por último, o povo decida de fato sobre as questões mais importantes”². Essa posição de princípio, que não só está na base dos grandes tratados de velhice – a *Estética*, a *Ontologia** –, mas também de numerosos estudos menores dessa época, como aquele sobre *Um dia na vida de Iván Denísovich* (1962) ou, em particular, *Democratização hoje e amanhã* (1968), contrasta abertamente com a obra do jovem filósofo húngaro ao menos até meados da década de 1920. Nesta, a cotidianidade emerge simplesmente como o reino da alienação, com relação ao qual a única postura correta é o distanciamento crítico. A expressão mais exacerbada dessa aversão pela vida diária se encontra nos ensaios incluídos em *A alma e as formas* (1911), nos quais se estabelece um antagonismo insanável entre vida empírica e vida “verdadeira”: a primeira é apresentada em termos negativos, como uma anarquia de *claro-escuro*, como um caos em cujo seio todas as coisas se confundem em impura mescla e nada floresce até alcançar a plenitude. Essa postura persiste durante os primeiros escritos marxistas de Lukács, a *vida cotidiana* não aparece problematizada, exceto quando considerada em termos negativos; em *História e*

¹ György Lukács, *Estética 1 – la peculiaridad de lo estético* (trad. Manuel Sacristán, Barcelona, Grijalbo, 1982, v. I), p. 11-2.

² “Nach Hegel nichts Neues – Gespräch mit Georg Klos, Kalman Petkovic, Janos Brenner, Belgrad”, em Frank Benseler, Werner Jung e Dieter Redlich (orgs.), *Autobiographische Texte und Gespräche* (Bielefeld, Aisthesis, 2005, v. 18 de Georg Lukács Werke), p. 436.

* György Lukács, *Ontologia do ser social* (São Paulo, Boitempo, no prelo). (N. E.)

*consciência de classe** (1923) ela é tratada como o “nocivo espaço da atualidade” e se faz alusão ao “imediatismo da cotidianidade, desprovida de ideias”³.

Nessas circunstâncias se enlaça outro atributo do pensamento do jovem Lukács: o *rigorismo ético*, fundado justamente na convicção de que existe um abismo insanável entre os princípios morais autênticos (a “ética trágica” dos primeiros ensaios, a impoluta moral comunista promovida nos primeiros estudos marxistas) e a realidade empírica contemporânea. Presente no pensamento lukacsiano desde o princípio, essa identificação com uma severa ética idealista marcou a aproximação de Lukács com o marxismo: influenciado por teóricos como Georges Sorel e Erwin Szabó, o filósofo procurou encontrar no rigorismo moral e no modelo da *ação direta* uma alternativa ao economicismo da Segunda Internacional. Em seu primeiro volume marxista, *Tática e ética* (1919), Lukács erige uma muralha entre a pecaminosidade da ordem burguesa e a pureza da ética comunista; carregado de desprezo pelo apego oportunista aos fatos próprio a um Karl Kaustky ou um Eduard Bernstein, o autor do volume sustenta que o revolucionário deve atuar com total indiferença para com as condições objetivas. Limita-se, pois, a postular um voluntarismo não menos radical que o oportunismo economicista propulsado pelos sociais-democratas. Que a orientação desse pensamento é voluntarista é algo que podemos deduzir com clareza ainda maior da primeira versão do artigo “O que é o marxismo ortodoxo?”, incluído em *Tática e ética*; carregado de desprezo pela devoção oportunista aos fatos característica dos sociais-democratas, Lukács sustenta que o marxista “verdadeiramente ortodoxo”, “dialético”, atua com total indiferença para com as condições objetivas:

Pois a decisão precede o fato. Quem reconhece a realidade – entendida no sentido marxiano – é amo e não escravo dos fatos vindouros. O marxista vulgar olha desamparado à esquerda e à direita porque os fatos isolados, que se sucedem um atrás do outro, assinalam às vezes para a direita, às vezes para a esquerda, e ele necessita do conhecimento dialético para encontrar o caminho no labirinto dos fatos. [...] [Os líderes do proletariado] aguardam uma orientação com base nesses “fatos”. Chegou realmente o tempo da revolução? Encontra-se madura a

* György Lukács, *História e consciência de classe* (2. ed., São Paulo, Martins Fontes, 2012). (N. E.)

³ Cf. Werner Jung, “Zur Ontologie des Alltags – die späte Philosophie von Georg Lukács”, em *Von der Utopie zur Ontologie – Zehn Studien zu Georg Lukács* (Bielefeld, Aisthesis, 2001), p. 115-29; especialmente p. 117.

ordem de produção de modo a que o proletariado a tome em suas próprias mãos? Poderíamos dizer agora: aguardam em vão uma decisão que emana dos “fatos”. Nunca se produzirá uma situação na qual os “fatos” apontem indubitável e inequivocamente para a revolução.⁴

O autor de *Tática e ética* se limita, pois, a postular um voluntarismo não menos radical que o do oportunismo economicista propulsado pelos sociais-democratas; não é incidental que o ensaio encerre com uma alusão a Fichte: “todo marxista ortodoxo que tenha compreendido [...] que chegou o instante indicado para expropriar os exploradores dará uma única resposta”. Responderá, com Fichte: “Tanto pior para os fatos”⁵. O voluntarismo que caracteriza a filosofia lukacsiana do período encontra uma de suas expressões mais extremadas no artigo “Sobre a questão do parlamentarismo” (1920), no qual defende a necessidade de preservar a pureza ética do comunismo fora de todo contato perturbador com as instituições burguesas. O artigo de Lukács recebeu uma dura crítica de Lenin; além disso, três meses depois de sua aparição na revista *Kommunismus*, publicou-se o panfleto “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”, no qual Lenin condena as orientações subjetivistas defendidas por Lukács e outros teóricos contemporâneos.

Nos “estudos sobre a dialética marxista” que compõem *História e consciência de classe*, vemos indícios de um deslocamento desse messianismo dotado de traços anticapitalistas românticos; a sucessão dos textos que integram o volume revela essa passagem de um utopismo inicial até uma disposição mais cética e objetivista nos últimos artigos, embora persistam resquícios idealistas. É flagrante que esse livro, brilhante e polêmico, contém críticas acertadas tanto ao positivismo hegemônico no marxismo da época como ao neokantismo dominante nos âmbitos acadêmicos de começos do século XX. Também é flagrante que a obra mestra do jovem Lukács conseguiu conquistar para o marxismo um respeito como discurso filosófico que até então estava longe de desfrutar. A contrapartida dessas substanciais contribuições está em uma série de deficiências fundadas, em parte, em um conhecimento insuficiente da obra de Marx, tal como o próprio Lukács logo haveria de admitir. Não é nossa tarefa desenvolver uma análise pontual dos méritos e deméritos de

⁴ György Lukács, *Táctica y ética – escritos tempranos (1919-1929)* (introd. Antonino Infranca e Miguel Vedda, trad. e notas Miguel Vedda, Buenos Aires, El Cielo por Asalto, 2005), p. 47.

⁵ *Ibidem*, p. 69.

História e consciência de classe; limitar-nos-emos aqui a considerar um aspecto – central – do volume, no qual se percebem os dois traços (desatenção pela vida cotidiana e rigorismo ético) que reconhecemos como característicos de todo o período de juventude: referimo-nos às reflexões sobre a consciência de classe proletária. Sustentadas menos em uma análise sócio-histórica concreta do que em uma construção especulativa, tais reflexões se caracterizam por sua considerável abstração; em termos não muito distintos dos que havia empregado, na etapa pré-marxista, para questionar a vida empírica em nome da “verdadeira”, Lukács se propõe superar o que ele mesmo define como *crise ideológica do proletariado*, questionando a consciência empírica e “psicológica” da classe trabalhadora em nome de uma consciência comparativamente perfeita, pura, à qual denomina consciência atribuída (*zugerechnetes Bewußtsein*). Em “Consciência de classe”, esta última é identificada com

aquelas ideias, sentimentos etc. [...] que os homens teriam em uma situação vital determinada, se foram capazes de compreender perfeitamente essa situação, os interesses que derivam dela, em relação tanto à ação imediata como à estrutura – de acordo com esses interesses – de toda a sociedade; as ideias etc., pois, que correspondem à sua situação objetiva. [...] A reação racionalmente apropriada, pois, que dessa maneira é atribuída a determinada situação típica no processo de produção, é a consciência de classe.⁶

Em nota de rodapé a essa passagem, o autor do artigo lamenta não poder explicar, nesse contexto, a relação existente “entre materialismo histórico e esforços similares na ciência burguesa (como os tipos ideais de Max Weber)”⁷. O comentário é em si significativo. Guido Oldrini assevera que, em *História e consciência de classe*, Lukács se limita “à utilização de certos motivos críticos weberianos (por exemplo, o ‘cálculo’, como móvel primário da ideologia capitalista, ou a crítica da burocracia moderna) para um esclarecimento mais adequado do conceito de coisificação”⁸ e agrega, a propósito de certos “empréstimos” terminológicos, como a teoria dos *Idealtypen*, que estes são apenas “pontos à margem dos complexos problemáticos em

⁶ György Lukács, *Geschichte und Klassenbewußtsein – Studien über marxistische Dialektik* (Darmstadt/Neuwied, Luchterhand, 1976), p. 126.

⁷ Idem, nota 11.

⁸ Guido Oldrini, *György Lukács e i problemi del marxismo del novecento* (Nápoles, La Città del Sole, 2009), p. 116-7.

discussão, que não incidem somente sobre seu aparato conceitual, e ainda menos condicionam a formulação”⁹. Além de o comentário de Oldrini ser, em geral, apropriado, cabe indicar que a influência de Weber sobre a categoria lukacsiana de consciência atribuída é determinante e não pode ser vista como mero resto, em si pouco relevante, do período pré-marxista. Com isso não buscamos impugnar, com um aceno purista, a utilização, por parte de um marxista como Lukács, de categorias e procedimentos derivados da chamada “sociologia burguesa”. O problema é, por um lado, que os tipos ideais weberianos divergem substancialmente da metodologia de Marx, com a qual queria adaptá-los o jovem Lukács; por outro, que a consciência atribuída, como tipo ideal contraposto à realidade concreta, não faz mais que reeditar as linhas idealistas dominantes na obra precedente. Eric Hobsbawm escreveu que a consciência de classe atribuída “é o que pensariam, por exemplo, um burguês ou um proletário racional de ordem ideal. É uma construção teórica, derivada de um modelo teórico de sociedade, e não uma generalização empírica do que os homens pensam do fato”¹⁰; com isso, enfatiza um problema cardeal da teoria lukacsiana: a falta de conexão entre a consciência atribuída e as experiências, ações, crenças e pensamento dos homens reais e concretos. Na medida em que a definição da consciência proletária “correta” não se funda na existência – o que o velho Lukács denominará o “ser assim” (*Sosein*) ou o ser-precisamente-assim (*Geradesosein*) – da vida cotidiana das massas, mas sim descende das alturas das especulações abstratas, os artigos de *História e consciência de classe* não podem oferecer nenhuma mediação concreta entre a teoria e a práxis.

É sugestivo que, apoiando-se em uma citação de Engels que interpreta de maneira peculiar, Lukács afirme que “a essência do marxismo científico consiste [...] no conhecimento da independência das forças motrizes reais da história em relação à consciência (psicológica) que os homens têm sobre elas”¹¹. A base dessa afirmação é o convencimento, por parte do autor, de que a consciência de classe psicológica se encontra totalmente coisificada e não é possível construir a partir dela um pensamento e uma ação revolucionários

⁹ Ibidem, p. 117.

¹⁰ Eric Hobsbawm, “Klassenbewußtsein in der Geschichte”, em István Mészáros (org.), *Aspekte von Geschichte und Klassenbewußtsein* (Munich, List, 1972), p. 15.

¹¹ György Lukács, *Geschichte und Klassenbewußtsein*, cit., p. 120.

autênticos. Como assinala de forma acertada Antonia Grunenberg, para o Lukács de 1923, “a consciência ‘psicológica’ não era o reflexo contraditório de um modo de produção contraditório, senão a reprodução monoliticamente coisificada de uma estrutura social monoliticamente coisificada”¹², daí que na vida cotidiana das massas o filósofo não reconhece nem sequer *potencialmente* conteúdos revolucionários. O complemento dessa abstração em relação à vida cotidiana dos trabalhadores é, como em estágios anteriores do pensamento lukacsiano, o rigorismo ético, agora encarnado no Partido Comunista, tal como o filósofo o entende. Na concepção do partido aparecem traços nitidamente sectários; já pelo modo como se demanda do militante comunista uma subordinação absoluta às decisões partidárias: “a disciplina do Partido Comunista, a dissolução incondicional da personalidade total de cada integrante na práxis do movimento, é o único caminho possível para a realização da autêntica liberdade”¹³. Sobre essa base se apoia, no último artigo do volume, a suspensão das liberdades individuais como pressuposto para a realização do “reino da liberdade”:

E entendendo que a liberdade individual, na sociedade burguesa atual, só pode ser um privilégio corrupto e corruptor, já que se baseia, de maneira não solidária, na carência de liberdade dos demais, isso significa com precisão: a renúncia à liberdade individual. Significa a subordinação consciente sob aquela vontade global que está destinada a gestar verdadeiramente a verdadeira liberdade, e que hoje se dispõe seriamente a dar os primeiros passos – árduos, inseguros e tentativos – em direção a ela. Essa vontade global consciente é o Partido Comunista.¹⁴

Para o autor de *História e consciência de classe*, os revolucionários constituem uma vanguarda elevada acima da classe e capaz de encarnar a consciência de classe autêntica e, portanto, os ideais humanos mais altos. Diante dessa altura ética, ficam relegadas a um segundo plano a necessidade de um contato com a classe *in toto* por parte dos revolucionários e a necessidade de que estes aprendam constantemente com a classe, suas experiências e lutas¹⁵. Liberados da coisificação que domina a consciência dos demais homens sob o capi-

¹² Antonia Grunenberg, *Bürger und Revolutionär – Georg Lukács 1918-1928* (Colônia/Frankfurt, Europäische Verlagsanstalt, 1976), p. 215.

¹³ György Lukács, *Geschichte und Klassenbewußtsein*, cit., p. 486.

¹⁴ *Ibidem*, p. 480.

¹⁵ Cf. Antonia Grunenberg, *Bürger und Revolutionär*, cit., p. 324.

talismo, os integrantes da vanguarda partidária encarnariam o objetivo último do proletariado – o passo do reino da necessidade ao da liberdade –, acima de todos os triunfos e derrotas individuais diárias que para o jovem Lukács carecem de significação genuína. Quando afirma que a decisão sobre o fato de um interesse individual e momentâneo implicar um avanço para a meta última ou um retrocesso em relação a esta “*depende exclusivamente da consciência do proletariado, e não do triunfo ou do fracasso na luta individual*”¹⁶, Lukács desvela o idealismo de suas posições; mostra uma atitude próxima à daquele que, das alturas da filosofia da história, observa com serena impavidez as lutas cotidianas levadas a cabo por homens materiais e concretos. Assim como as justificadas críticas do jovem Lukács às tendências economicistas caíam, em sua obstinação adversa à dialética, em um voluntarismo de consequências arriscadas para o movimento revolucionário, também a fundamentada condenação do oportunismo encerra o perigo de uma perda de vínculos com a experiência das massas. A teoria e prática oportunistas, ao ter em vista, com funesta miopia, apenas as pequenas vantagens econômicas conquistadas nas lutas diárias, conduziam a excluir do horizonte proletário o objetivo fundamental da emancipação humana através da democracia socialista; mas não é uma alternativa válida com relação a elas postular um objetivo ético puro, carente de conexões claras com a vida cotidiana das massas. De maneira lúcida, Oldrini destaca em que medida a própria realidade histórica tem sido a “armadilha” contra a qual se estatelaram as deslumbrantes, mas rígidas, construções especulativas ideais de *História e consciência de classe*:

Agora a rigidez de seu desenho, a convicção de seu tom, a jactanciosa coerência de suas deduções dialéticas, a desenvoltura com que a teoria se funda mais nas atribuições “de direito” que na verificação e na sondagem das circunstâncias de fato: tudo isso, enquanto os fatos prevalecem sobre o direito, põe em questão a legitimidade e prejudica a eficácia das propostas.¹⁷

A realidade histórica que abalou as certezas dogmáticas de Lukács foi a estabilização relativa da onda revolucionária em plano mundial. Cabe destacar que o voluntarismo entusiasta promovido pelo filósofo desde seu ingresso no marxismo até a *chef d'oeuvre* de 1923, e que se encontra presente ainda em

¹⁶ György Lukács, *Geschichte und Klassenbewußtsein*, cit., p. 159.

¹⁷ Guido Oldrini, *György Lukács e i problemi del marxismo del novecento*, cit., p. 120.

alguns escritos posteriores – a postulação do proletariado como sujeito-objeto idêntico, a entronização da consciência de classe atribuída, a desatenção com as condições históricas e materiais, a supremacia da classe –, tem bases históricas, ainda que não estivesse disposto a reconhecê-lo o próprio Lukács. Com efeito, encontram-se fundadas na crença escatológica (compartilhada por numerosos intelectuais da época) e na pronta realização da revolução em plano mundial, qual um Messias que haveria de chegar para pôr fim à história e consumir o passo desde o reino da necessidade até o da liberdade. O reconhecimento das ostensivas limitações do próprio entusiasmo e a honesta admissão dos sérios erros que implicava o voluntarismo de juventude estão na base do realismo – tantas vezes mal-entendido – que caracterizava a obra madura, e que está longe de circunscrever-se a uma questão de gosto estético ou a uma claudicação ante o *status quo*. Implica, antes, aceitar que a verdade, tanto no plano teórico como no prático, não está alojada na mente do revolucionário, mas em uma sondagem das possibilidades de ação latentes na realidade histórica. Em seu ensaio de 1935 sobre as *Ilusões perdidas** de Balzac, Lukács se refere à riqueza da “estrutura objetiva da realidade”, que “nunca podemos reproduzir e captar adequadamente com nossas ideias sempre demasiado abstratas, sempre demasiado rígidas e lineares, demasiado unilaterais”¹⁸. Essa afirmação se enlaça, no Lukács maduro, com o convencimento de que só é eficaz aquele pensamento que se propõe “examinar o existente com respeito a seu ser e encontrar as diversas fases e transições *dentro* do existente”¹⁹. A busca pela emancipação não pode derivar somente da moral impoluta de uma vanguarda colocada acima da sociedade, contraposta a esta, mas de uma imersão na vida cotidiana, com vistas a extrair dela as circunstâncias oportunas para conhecer e, sobretudo, transformar a realidade, de acordo com a tese marxiana segundo a qual os homens fazem sua própria história, mas sob circunstâncias que não são criadas por eles**.

O opúsculo sobre *Lenin* foi escrito e publicado por ocasião da morte do líder revolucionário e tem sido criticado – acreditamos que injustamente – pelo

* Honoré de Balzac, *Ilusões perdidas* (São Paulo, Estação Liberdade, 2007). (N. E.)

¹⁸ György Lukács, “Verlorene Illusionen”, em *Balzac und der französische Realismus* (Berlim, Aufbau, 1951), p. 58.

¹⁹ Hans Heinz Holz, Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, *Conversaciones con Lukács* (compilação e prólogo Theo Pinkus, trad. Jorge Deike e Javier Abásolo, Madri, Alianza, 1971), p. 21.

** Karl Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (São Paulo, Boitempo, 2011), p. 25. (N. E.)

fato de haver contribuído para canonizar a figura do autor de *O Estado e a revolução**. Andrew Arato e Paul Braines assinalaram que, nesse estudo, Lenin aparece “[...] como o primeiro e único dos contemporâneos de Lukács que não recebem dele nenhuma palavra de crítica”²⁰. Uma afirmação como essa ignora o fato de que o Lenin que aqui se apresenta e exalta é, ostensivamente, o *Lenin de Lukács*²¹; o filósofo húngaro construiu, nesta obra de juventude, uma imagem *sui generis* do líder bolchevique, na qual se destaca toda uma série de aspectos que pouco condizem com a versão que logo haveria de divulgar o stalinismo, mas que já estava começando a se configurar. O opúsculo continua algumas das linhas de pensamento desenvolvidas na obra marxista anterior de Lukács, em parte com a intenção de responder àqueles que haviam colocado *História e consciência de classe* em total antagonismo com a teoria e a práxis leninistas. Ainda quando se mantém muito próximo do universo de ideias de *História e consciência de classe*, Lenin apresenta algumas diferenças significativas em relação ao volume de artigos precedente. Em tal sentido, seria tão errado afirmar uma plena identidade entre as duas obras como estabelecer uma oposição radical entre ambas. Em um dos melhores estudos gerais sobre a obra lukacsiana, Werner Jung quis ver em *Lenin* uma tentativa para reevocar teses fundamentais de *História e consciência de classe*, ou ainda para intensificar, levando-as ao extremo, alguns de seus excessos:

O partido comunista de tipo bolchevique tem de destacar-se pelo “maior rigor e maior das severidades” [...], demanda “revolucionários dispostos ao sacrifício e claros em seus objetivos” [...]. Sob a cobertura de uma apologia de Lenin [...] Lukács critica *História e consciência de classe* e suas velhas simpatias por Rosa Luxemburgo. [...] Não: necessita-se do braço forte do partido e da forte personalidade do líder comunista. Hoje não será possível deixar de experimentar um sabor amargo ao ler o estudo sobre Lenin.²²

Mas Jung não tem em conta, por um lado, que esses traços sectários estavam presentes, e em maior medida, em *História e consciência de classe* –

* Vladimir Lenin, *O Estado e a revolução* (São Paulo, Expressão Popular, 2007). (N. E.)

²⁰ Andrew Arato e Paul Braines, *El joven Lukács y los orígenes del marxismo occidental* (trad. Jorge Aguilar Mora, México, Fondo de Cultura Económica, 1986), p. 300.

²¹ Fizemos aqui uma variação irônica sobre a fórmula dos próprios autores desse estudo por demais frouxo sobre o jovem Lukács; com efeito, Arato e Braines afirmam que o “*Lenin de Lukács* mostra ao Lenin de *Lukács*”; cf. idem.

²² Werner Jung, *Georg Lukács* (Stuttgart, Metzler, 1989), p. 103.

sobretudo, no último artigo do livro –; por outro, que em *Lenin* a ênfase sobre a disciplina se encontra contrabalançada por repetidas e enfáticas exortações para que os revolucionários não percam o contato com o conjunto da classe. Com efeito, Lukács insiste sobre a importância de o partido realizar a seleção mais estrita de seus membros “em relação à clareza da consciência de classe e à dedicação incondicional à causa da revolução”, mas diz também que tal seleção

tem de ser conjugada com a completa fusão à vida das massas que sofrem e lutam. E todos os esforços para realizar o primeiro lado dessas exigências sem a realização de seu antípoda tinham necessariamente de conduzir a um enrijecimento sectário, mesmo daqueles grupos formados por bons revolucionários.²³

Também sustenta que o partido alcançará seus objetivos “se, nessa luta, ele estiver sempre um passo à frente das massas em luta, a fim de lhes indicar o caminho a ser percorrido”, mas acrescenta que ele “jamais [deve] se distanciar mais do que um passo, para se manter sempre como o líder da luta”²⁴. Essa aproximação do revolucionário com o conjunto da classe é algo que o autor do opúsculo celebra na teoria e na práxis de Lenin, em quem vê uma superação da antítese entre sectarismo e espontaneísmo.

Um elemento central do livro, curiosamente esquecido pelos comentários críticos, é a dimensão a que se alude no subtítulo: a unidade (*Zusammenhang*) do pensamento leniniano. Ao falar de *unidade*, Lukács destaca uma conexão entre teoria e práxis que falta em outros grandes representantes do movimento revolucionário do começo do século XX. Rudolf Hilferding, com *O capital financeiro* (1910), e Rosa Luxemburgo, com *A acumulação do capital* (1913), haviam compreendido antes de Lenin a metamorfose sofrida pelo capitalismo a partir da plena decomposição do período liberal e o ingresso na etapa monopólica. Mas, segundo Lukács, só Lenin conseguiu enlaçar completa e concretamente a teoria econômica do imperialismo com todas as questões políticas do presente. E isso se deve ao fato de que o líder bolchevique soube reconhecer as inclinações essenciais da época por detrás das aparências enganosas: a totalidade por detrás dos fenômenos isolados. Como em *História e consciência de classe*, sublinha-se aqui a importância

²³ Ver p. 54.

²⁴ Idem.

que a categoria da totalidade possui para o materialismo dialético; mas, em comparação com o livro imediatamente anterior, *Lenin* circunscreve essa perspectiva metodológica a um aspecto central: o reconhecimento do caráter geral de toda a era marcada, do ponto de vista dos capitalistas, pela expansão imperialista e pelas guerras mundiais; do ponto de vista do proletariado, pela atualidade da revolução. Se a teoria leniniana é, nas palavras de Lukács, “*a teoria da situação mundial concreta provocada pelo imperialismo*” e se seu objetivo, ao examinar a essência do capitalismo monopólico, é indagar “essa situação concreta mundial e a divisão de classes que daí surge”²⁵, a fim de ser totalmente coerente devia enlaçar essa compreensão teórica com “o problema fundamental de nosso tempo: a revolução que se aproxima”²⁶ e analisar cada fato isolado no marco total de uma época caracterizada como *essencialmente* revolucionária. A capacidade para conectar a teoria e a prática revolucionárias, bem como a situação isolada e a condição geral de toda obra, é um atributo que une Lenin a Marx e que o diferencia dos marxistas vulgares. Estes, na medida em que desgarram a unidade entre teoria e práxis e consideram as situações particulares isoladamente, na medida em que não estão dispostos a admitir a atualidade da revolução como propriedade substancial de toda a época imperialista, veem nas crises do capitalismo circunstâncias transitórias, meras interrupções do curso normal da vida sob o capitalismo; nas palavras de Lukács:

aos olhos do marxista vulgar, as bases da sociedade burguesa são tão inabaláveis que, mesmo nos momentos em que sofrem um abalo mais visível, ele deseja apenas o retorno a sua situação “normal”, vê em suas crises episódios passageiros e considera tal luta uma revolta temerária e irracional contra o capitalismo inexpugnável.²⁷

Vemos reeditadas aqui as anteriores – e justificadas – críticas ao oportunismo; também as expectativas postas na parúsia de uma revolução mundial. À luz dessas esperanças utópicas, duramente desmentidas pela realidade histórica, explica-se a continuada insistência sobre a necessidade de preservar incorrupta a consciência de classe do proletariado; antes de tudo porque, para Lukács, o capitalismo monopólico

²⁵ Ver p. 63.

²⁶ Ver p. 31.

²⁷ Idem.

criou uma situação mundial na qual o proletariado se vê obrigado a optar entre o assassinato de seus companheiros de classe em benefício da burguesia (a guerra mundial) e a criação de uma frente ampla de lutas de todas as classes oprimidas contra a ordem burguesa (a guerra civil revolucionária). E, de acordo com o autor de *Lenin*: “qual desses dois destinos está reservado ao proletariado depende da visão que ele tem de sua situação histórica, de sua consciência de classe”²⁸. Diante desse pano de fundo se entendem também as advertências ao perigo que representam as chamadas *aristocracias operárias*, que, através de sua ascensão a um estilo de vida pequeno-burguês, da ocupação de posições vantajosas na burocracia partidária e sindical ou da obtenção de postos político-administrativos, contribuem para obscurecer a consciência de classe de todos os trabalhadores e os induzem a entrar em uma aliança implícita com a burguesia. Mas se observam em *Lenin* um debilitamento do rigorismo ético e um anúncio do posterior realismo lukacsiano. Isso pode ser percebido já no emprego da fórmula, impensável no Lukács anterior, da *realpolitik revolucionária*. Como nos escritos precedentes, segue-se questionando aqui qualquer intento de sacrificar os interesses genuínos da classe – sua missão histórico-universal – em nome de uma *realpolitik* oportunista; torna-se, assim, compreensível que no opúsculo caia por terra “a lenda de Lenin como ‘sagaz realista político’, como ‘mestre dos compromissos’ [...], e [revele-se] para nós o verdadeiro Lenin, o coerente edificador da dialética marxista”²⁹. Neste Lukács de 1924 começa a se romper a rigidez dogmática e insinua-se a busca por um *tertium datur** para os extremos igualmente antidialéticos da prática e a condenação intransigente dos compromissos. Algumas frases de *Lenin* soam como autocríticas à anterior insistência ultraesquerdista do filósofo húngaro na recusa de toda participação nas práticas e instituições da ordem burguesa; assim, por exemplo, diz que,

na recusa de qualquer compromisso, há uma *evasão diante das lutas decisivas*, que, na base dessa visão, encontra-se um *derrotismo em relação à revolução*. A autêntica situação revolucionária – e tal é, segundo Lenin, o traço fundamental de nossa época – mostra-se no fato de não haver nenhum

²⁸ Ver p. 68.

²⁹ Ver p. 93.

* Ver nota na p. 107. (N. E.)

campo da luta de classes que não apresente possibilidades revolucionárias (ou contrarrevolucionárias).³⁰

Em consonância com essas (auto)críticas ao dogmatismo inicial está a expressa condenação de qualquer intento de encontrar nos discursos e ações de Lenin receitas e instruções aplicáveis a casos específicos: o líder bolchevique não ofereceu verdades universais, mas atuou sobre as bases de uma análise concreta de cada situação concreta e de uma consideração dialética da história. Sugestivo, à luz das posições lukacsianas anteriores, é que o autor do opúsculo condene as generalizações mecânicas dos sinais de Lenin, dos quais poderia unicamente derivar um “leninismo vulgar”, a saber: uma imagem grotescamente distorcida do original.

Outra contribuição importante de Lenin – e desafiando aqueles que gostariam de ver neste estudo um sinal da adaptação de Lukács o stalinismo em germe – é a defesa dos conselhos operários como uma estrutura organizativa que já nasce no seio da sociedade burguesa como *contragoverno*, mas apontando para além do capitalismo. Ao postular a necessária união de Estado proletário e conselhos operários, Lukács procura superar a antítese entre social-democracia e ultraesquerdismo; ao mesmo tempo (e com relação a isso), queria evitar tanto a progressiva dissolução dos conselhos como resultado de sua falta de consolidação em instituições quanto a absorção de sua viva dinâmica nas estruturas estatais. Gareth Stedman Jones indicou que outro aspecto fundamental de *Lenin* é a relação que aqui se estabelece entre partido e classe, a qual representa um avanço com relação ao idealismo de *História e consciência de classe*:

O partido cuja função é guiar a classe trabalhadora para a revolução socialista é uma entidade bastante diferente do sombrio demiurgo de *História e consciência de classe*. Em lugar de uma alternância maniqueísta entre partido e classe, Lukács desenvolve agora uma teoria do partido autenticamente próxima das concepções de Lenin, tanto em sua ênfase sobre a necessidade de uma máxima coerência e disciplina *internas* quanto sobre a máxima preocupação em estabelecer as alianças mais amplas possíveis entre os explorados. Sobretudo, o partido já não é simplesmente uma vanguarda que desperta as massas de uma sonolenta letargia: escuta as massas e aprende com elas, em uma permanente dialética entre partido e classe.³¹

³⁰ Ver p. 96.

³¹ Gareth Stedman Jones, “The Marxism of the Early Lukács”, em *Western Marxism – a Critical Reader* (Londres, NLB, 1978), p. 52.

Cabe chamar a atenção também para uma peculiaridade do opúsculo que seria injusto deixar de mencionar: a estilística. As obras tardias de Lukács, para além de seu deslumbrante brilho, estão compostas em uma prosa descuidada e monótona; como assinalou seu amigo Míjail Lifschits com certa acrimônia, uma comparação entre as obras de juventude e “os trabalhos dos últimos anos, que ele [Lukács] ditava, após o que só introduzia algumas leves correções”, mostra até que ponto há no período de maturidade uma desconsideração pela escrita em cuja base vê o crítico russo “traços de autonegação, de renúncia”³². Como vários dos artigos de *História e consciência de classe*, *Lenin* está escrito em um estilo lacônico e preciso, por vezes aforístico, que em mais de um aspecto antecipa Guy Debord, de *A sociedade do espetáculo*, o qual tanto reverenciava, justamente, o Lukács desse período.

O posfácio de 1967, para a reedição de *Lenin*, distancia-se explicitamente do opúsculo de 1924. Mas é sugestivo que Lukács encontre em seu escrito de juventude muito menos falhas a objetar que em *História e consciência de classe*. Em qualquer caso, resultam perceptíveis, no comentário de velhice, tanto os afãs intelectuais que o ocupavam durante a composição da *Ontologia* como – em um plano mais manifestamente político – o renovado interesse em promover a atividade autônoma das massas contra o burocratismo imperante nos blocos ocidental e oriental. Redigido nesse contexto histórico e pessoal, o posfácio insiste na recusa das tendências economicistas e voluntaristas e ratifica a necessidade de que o intelectual e o militante marxistas descubram os autênticos fundamentos sociais *na própria objetividade histórico-social*; não é em vão que se sustenta aqui que, de acordo com a metodologia de Lenin, “o posicionamento subjetivo nasce sempre da realidade objetiva e retorna a ela”³³. Lukács também identifica a teoria e a práxis leniniana com a retirada de todo entusiasmo ou indignação moralizantes e com uma exploração contínua e firme do ser-precisamente-assim da realidade objetiva, a fim de reconhecer dentro dela as possibilidades para uma ação subjetiva:

De modo que o critério que distingue a verdade como base da práxis e a fraseologia revolucionária consiste no fato de que a primeira deriva teoricamente do ser-precisamente-assim da situação revolucionária necessária e possível numa dada

³² Míjail Lifschitz, “Vorwort”, em *Die dreißiger Jahre – ausgewählte Schriften* (Dresden, Verlag der Kunst, 1988), p. 15.

³³ Ver p. 108.

época, o que não ocorre com a segunda. O mais nobre sentimento, a mais desinteressada devoção tornam-se fraseologias se a essência teórica da situação (seu ser-precisamente-assim) não permite uma práxis revolucionária.³⁴

Lenin, segundo Lukács, procura desenvolver sua práxis revolucionária sem se deixar dominar facilmente por esperanças ou temores – e aqui é reveladora a alusão a Spinoza; o líder bolchevique se encontra além de qualquer otimismo ou pessimismo transitórios, aqueles que revelam uma interpretação superficial, meramente conjuntural da realidade histórica. Lukács estimava que fosse um traço característico dos esquerdistas a oscilação entre um otimismo apaixonado e um esmagador pessimismo; já em 1925 questionou o voluntarismo que conduzia Lassalle a flutuar entre o furor entusiasta e “frequentes depressões”:

As depressões se intensificavam, de vez em quando, a tal ponto que Lassalle desejava afastar-se do movimento. Em que medida esses desejos tinham se convertido em ação é algo que não podemos determinar; e, assim, não podemos julgar ainda hoje verdadeiramente quão fundas ou superficiais foram essas depressões; Marx, ou Bebel, ou Lenin (para mencionar diferentes personalidades correspondentes ao tipo contrário) não conheceram em absoluto tais estados de ânimo.³⁵

A identificação com aqueles homens que, como Marx ou Lenin, perseguem seus objetivos últimos sem se deixar desalentar ou entusiasmar pelos vaivéns circunstanciais explica esse peculiar conceito de *realismo* que recorre à obra madura e tardia de Lukács. Este, em um estudo redigido em 1929-1930, mas publicado pela primeira vez em 2003, afirma:

O grande realista pode reagir negativamente no plano político, moral etc. a muitos fenômenos de sua época e à evolução histórica; mas, em um sentido determinado, está enamorado da realidade, considerando-a sempre com os olhos de um enamorado – ainda que, eventualmente, escandalizado ou indignado.³⁶

Lukács acreditava que, inclusive sob as circunstâncias mais desfavoráveis, existe um âmbito de jogo para a atividade humana, ainda quando dessa concepção não se deva inferir a necessária realização das tendências emancipató-

³⁴ Ver p. 110.

³⁵ György Lukács, “La nueva edición de las cartas de Lassalle”, em *Táctica y ética. Escritos tempranos (1919-1929)*, cit., 158.

³⁶ György Lukács, “Was ist das Neue in der Kunst? (1939-1940?)”, em Frank Benseler e Werner Jung (eds.), *Lukács 2003. Jahrbuch der Internationalen Georg-Lukács-Gesellschaft* (Bielefeld, Aisthesis, 2003), p. 44.

rias. Trata-se tão só – para empregar uma fórmula enunciada no posfácio – de estar sempre preparado para a ação correta; o que, no fundo, equivale a dizer: trata-se de realismo.

De modo a encerrar essas observações sobre *Lenin* e as relações entre Lukács e Lenin, seria oportuno adicionar um comentário a respeito de outro importante escrito do filósofo húngaro dedicado ao grande líder bolchevique: o artigo “Lenin e as questões do período de transição” (1968). Fruto de uma vida inteira de compromisso com o pensamento marxista e o movimento revolucionário, mas também das circunstâncias políticas e intelectuais em que se encontrava o autor naquele momento, o artigo revela o interesse pela vida cotidiana que assinalamos no começo desta apresentação como traço decisivo da obra tardia. Lukács destaca a capacidade de Lenin de sempre ter em vista “a inteira vida cotidiana dos homens” e assinala que, para o líder russo, “a tarefa da democracia no socialismo” consistia em “permeiar de maneira concreta a inteira vida material de todos os homens, expressar sua sociabilidade como produto da própria atividade de todos os homens, desde a vida cotidiana até as questões decisivas da sociedade”³⁷. Alheia a qualquer formalismo, a autêntica democracia socialista não supõe a aplicação de receitas já codificadas, mas sim a exploração do novo; isso é válido tanto para os pequenos dilemas colocados pela vida diária como para os assuntos centrais de toda a vida social, pois “as grandes decisões históricas, as resoluções revolucionárias, não são criadas nunca de forma ‘puramente teórica’ no gabinete de estudo dos eruditos”³⁸. Crítica manifesta à rigidez de suas próprias posições de juventude, essa observação encerra, ao mesmo tempo, um estímulo para tornar favorável uma prática experimental aberta para a compreensão e a busca do novo. Essa disposição exploratória, “ensaística”, é para Lukács a mesma que havia incorporado em seu pensamento e sua prática políticos o autor de *O Estado e a revolução*; sua metodologia se funda na

consciência daquele que experimenta intelectualmente em circunstâncias cujo caráter teórico-legal não chegou ainda a manifestar-se nem de longe. Cremos, portanto, que a citação de Napoleão reproduzida por Lenin: “*On s’engage et puis... on voit*” [Primeiro se entra em combate, depois... se vê] representa uma ideia

³⁷ György Lukács, “Lenin und die Fragen der Übergangsperiode”, em *Georg Lukács zum 13 April 1970 (Goethepreis)* (Neuwied e Berlim, Luchterhand, 1970), p. 82.

³⁸ *Ibidem*, p. 72.

que ainda hoje poderia implicar um bom contrapeso metodológico para muitas fantasias planificadoras que, por seu caráter abstratamente apodítico [...], se encontram muito distantes da previsão concreta de tendências da realidade.³⁹

O fato de ter se concentrado sempre na específica questão que tinha diante de si, no lugar de limitar-se a repetir fórmulas genéricas, distingue Lenin de outros intelectuais e dirigentes, e explica que tenha sido capaz de perceber o que havia de novo na situação revolucionária na Rússia. Mas também justifica que entre as principais preocupações de Lenin se encontrava o temor de que a exploração do novo se veria anulada pelo peso paralisador da burocracia. E esta se encontra nos antípodas da democratização promovida pelo velho Lukács, na medida em que implica conter as possibilidades de ação dinâmica abertas no presente em função de rituais e doutrinas ligados ao passado. Daí que o filósofo assegure, com referência às inquietações de Lenin, durante seus últimos anos de vida, ante a intensificação das práticas burocráticas:

Seu combate apaixonado contra as tendências burocráticas não se baseia tão somente no fato de que ele havia observado desde cedo de maneira muito crítica a impotência última da manipulação burocrática, mas também [...] na compreensão de que toda burocratização encerra necessariamente a tendência a consolidar a primazia do passado sobre o presente, através da rotina que deriva de uma práxis determinada.⁴⁰

Mas a ascensão do novo não impediu que Lenin reconhecesse que isso é geralmente a consumação de tendências de extenso desenvolvimento histórico. O líder político que, seguindo os passos de Marx, afirma que o marxismo deve boa parte de sua superioridade à aptidão para apropriar-se e reelaborar tudo o que havia de valioso no milenar desenvolvimento da cultura humana descobre em tal sentido um razoável elogio em Lukács, que encontrava no método de Lenin a impugnação prática do utopismo:

A autêntica refutação metodológica de todo utopismo se baseia justamente nesta concepção de uma continuidade histórico-universal: nos utopistas, é introduzido no mundo algo radicalmente novo com relação às leis da razão; no marxismo, ao contrário, a evolução sócio-histórica vira, em determinados pontos de mudança, em direção ao novo, com o qual não deve surgir no mundo [...] nada até o momen-

³⁹ György Lukács, "Lenin und die Fragen der Übergangsperiode", cit., p. 80.

⁴⁰ Ibidem, p. 84.

to inexistente; antes, certas atitudes, modos de comportamento humanos etc., que até então só puderam realizar-se como “exceções”, sem exercer nenhuma influência, alcançam uma universalidade que abarca toda a sociedade.⁴¹

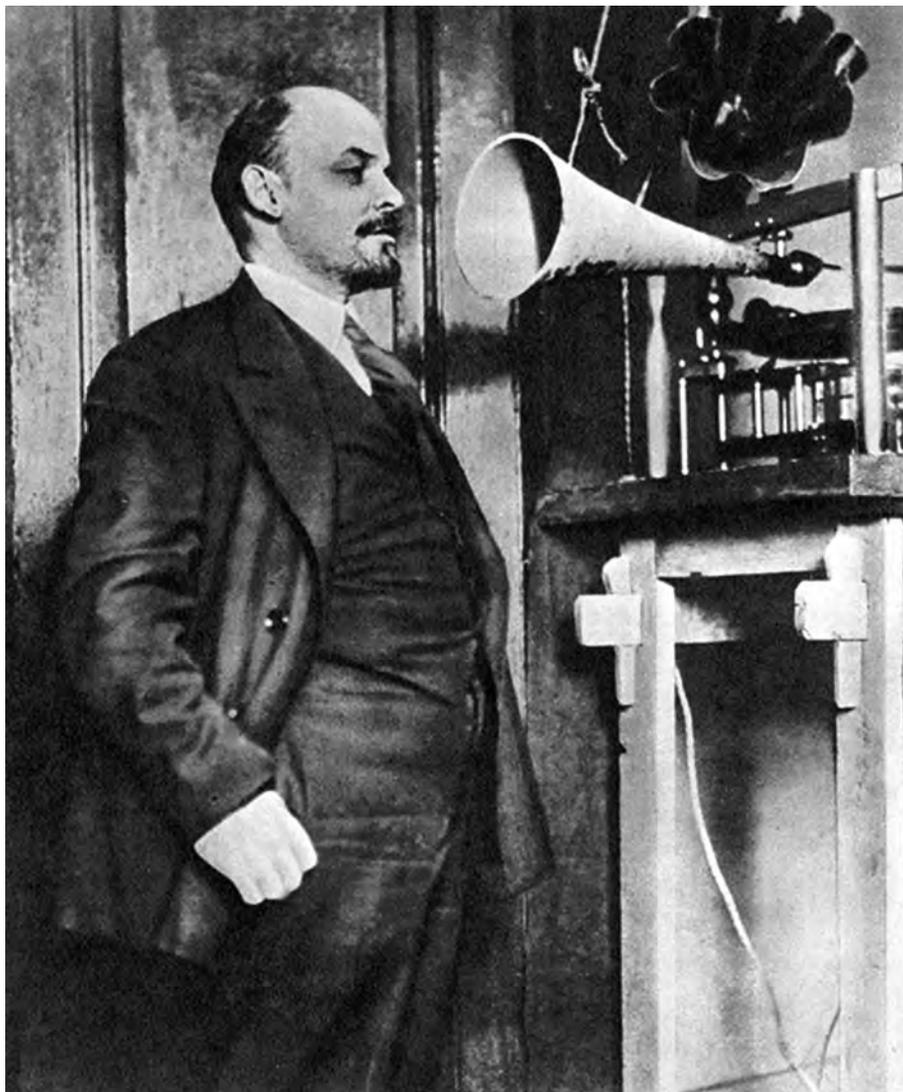
A celebrada abertura para o desconhecido e novo é também colocada por Lukács, a propósito de Lenin, em relação a um dos motivos centrais de seu pensamento: a reflexão sobre a pedagogia. Lukács destaca aqui que o órgão da autoeducação do homem para uma humanidade autêntica é a *democracia socialista* e que dela deriva não só a educação do povo, mas também – em consonância com a terceira das Teses sobre Feuerbach*, de Marx, – a educação do educador, incluindo aqui os líderes da revolução socialista, que devem estar preparados para um aprendizado constante. Esse imperativo de autoensinamento se dirige, por um lado, contra a crença mecanicista em que as soluções surgem de forma espontânea como resultado necessário do desenvolvimento da produção, mas também, por outro, “contra todo utopismo que crê que toda evolução humana pode ser conduzida a um estado perfeito, para além de toda problemática, mediante alguma compreensão artificialmente fabricada e supostamente superior”⁴². Essa disposição contínua para aprender com a realidade visando transformá-la, mas também visando transformar o próprio sujeito, é o que o autor da *Ontologia do ser social*, em seus últimos anos de vida, quis destacar como legado substancial da vida e da obra de Lenin.

Miguel Vedda
Janeiro de 2012

⁴¹ Ibidem, p. 86.

* Karl Marx, “Ad Feuerbach”, em Karl Marx e Friedrich Engels, *A ideologia alemã* (São Paulo, Boitempo, 2007), p. 533. (N. E.)

⁴² György Lukács, “Lenin und die Fragen der Übergangsperiode”, cit., p. 76.



De acordo com L. Leonidov, fotógrafo do Kremlin, esta foto foi tirada em 1919. Lenin gravava um discurso no fonógrafo, que começou assim: “Quando eu falei por rádio com o camarada Rádio...”. Percebendo o erro, tentou corrigir: “... com o camarada Rádio Kun” (em vez de Béla Kun)... Em seguida, irrompeu em gargalhadas.